

Fazendo um Judeu

VALTER ZARENCZANSKI

As Origens

Em setembro de 1952 aconteceram vários nascimentos de meninos judeus em São Paulo. Dentre todos esses houve um que, para mim, teve importância especial: o meu. Pois é, nasci judeu. Para garantir que eu nunca me esquecesse disso, aos 8 dias de idade fui submetido à milenar tradição do *brit-milá*. Hoje, mais de 56 anos depois daquele evento traumático, me dou conta de que não precisei recorrer a ele para me lembrar da minha origem. Apesar de não ter sido um judeu praticante da religião – com exceção de um curto período, dos 12 aos 13 anos –, sempre me senti ligado à cultura e ao povo judaicos. Segui alguns rituais religiosos, mas sem sentir qualquer ligação religiosa. Muitas pessoas me perguntam como é possível ser judeu e não seguir a religião. Então explico que sou o resultado de dois tipos de judeus bem diferentes: meu pai, conhecedor da religião, mas revoltado com sua aplicação; e minha mãe, seguidora fiel das tradições judaicas, com o mínimo de conhecimento da religião.

Como a maioria dos judeus ashkenazitas¹⁷⁶ brasileiros da minha geração, fui fruto de imigrantes. Meu pai, Maurício (Moishe) Zarenczanski, saiu de Grajewo¹⁷⁷, Polônia, no início da década de 1930, com destino ao Uruguai. Meu avô, a quem não cheguei a conhecer devido ao Holocausto, teve o *insight* de mandar cinco de seus nove filhos para a América do Sul antes de eclodir a Guerra – meu pai dizia que ele saiu da Polônia por não aguentar a rigidez religiosa de meu avô. O resto da família pereceu nas mãos dos nazistas, ou pelo menos assim se supõe, já que nunca mais houve contato com eles. Meu pai, incentivado por histórias de que a vida dos judeus em São Paulo era muito mais promissora do que no Uruguai, deixou suas duas irmãs em Montevideu e se pôs a caminho da terra da fartura, trabalhando como vendedor ambulante durante o percurso. Mas isso é uma outra história.

¹⁷⁶ Judeus originários do Leste europeu, de cultura e língua *idisch*.

¹⁷⁷ Grajewo, *shtetl* localizado no distrito de Bialystok, nordeste da Polônia. Em 1921, havia 2.834 judeus, num total de 7.346 habitantes.

Meu velho se adaptou bem à vida paulistana. Estabeleceu-se no Bom Retiro e em alguns anos conseguiu montar uma fábrica de bonés. Mais tarde, mudou de ramo e abriu uma loja de tecidos. Convenceu uma de suas irmãs a mudar-se para São Paulo com o marido e o filho pequeno. A outra irmã casou-se com um argentino e foi morar em Buenos Aires. Um dia meu pai resolveu que era hora de constituir família, e, como todo bom judeu da época, foi procurar um casamenteiro (*shadchan*). O *shadchan*, muito solícito, recomendou uma moça, nascida no Rio de Janeiro, que provinha de uma humilde, mas honrada família russa. Moishe pegou o ônibus e foi conhecer a tal donzela. Apesar de ter sido muito bem recebido por ela, Moishe acabou se apaixonando pela irmã da prometida, minha mãe, que, segundo ele, conquistou-o pelo estômago.

Minha mãe, Dora, era professora primária no Rio. Os pais dela vieram da Rússia pouco depois de se casarem, trazendo uma filha de lá e tendo mais duas no Rio. Meu avô, conhecido pelos netos como *Zeide*¹⁷⁸, não se deu muito bem nos negócios. A família não tinha luxos, mas mesmo assim minha avó, a *Babe*¹⁷⁹, mantinha uma casa *kasher*. Para ela a religião não deveria ser questionada, e os rituais eram seguidos à risca. Minha mãe, no que diz respeito à religião, seguiu os passos da *Babe*, se bem que de forma bem mais relaxada, mais como superstição do que por espiritualidade.

Essa devoção supersticiosa mesclava-se com as crenças populares brasileiras indiscriminadamente: acender velas de *shabat* tinha tanta seriedade e misticismo como queimar defumadores de Umbanda para “limpar” a casa – ambos os rituais aconteciam em casa. Com a sabedoria que só as crianças pequenas possuem, deduzi que eu podia ser judeu e aceitar outras crenças simultaneamente, sem qualquer conflito. Em algum ponto do meu crescimento, perdi um pouco dessa flexibilidade.

Minha mãe foi uma das poucas pessoas que conheci em minha vida que puderam reconhecer e praticar o dom que lhes foi dado – no caso dela, ser mãe. Ela teve quatro filhos, na seguinte ordem: duas meninas, um menino (quem vos fala) e outra menina. Ser o único menino da família, especialmente naquela época, era uma bênção ambígua: recebia todas as atenções da família, porém era alvo de todas as expectativas, inclusive religiosas. Fui informado ainda em uma tenra idade que minha mãe poderia morrer sossegada, pois tinha quem recitasse o *Kadish** para ela. Fiquei horrorizado ao saber que minha existência facilitava, de alguma forma, o falecimento de meus pais.

Ascensão e queda de um ortodoxo

Apesar de seu cinicismo religioso e seu ateísmo declarado (“Que tipo de Deus deixaria uma família tão religiosa como a dos meus pais ser queimada nos campos de morte?”), meu pai seguia as tradições judaicas, talvez mais para agradar à minha mãe, e insistia que eu tivesse uma educação judaica. Sendo assim, aos 5 anos de idade fui matriculado no Colégio Hebraico Brasileiro Renascença, “... Um traço de união entre dois povos...”¹⁸⁰, também no Bom Retiro, onde estudei até o fim do colegial.

¹⁷⁸ Avô, em *idisch*.

¹⁷⁹ Avó, em *idisch*.

¹⁸⁰ Trecho do hino do colégio, aludindo ao dualismo educacional da instituição.

O contraste religioso entre meus pais era mais evidente durante as festas judaicas, em particular *Pessach** e *Yom Kippur**. Minha mãe, o estereótipo da *Idisch Mame* (Mãe Judia), enchia a casa com aromas de comidas típicas e com o carinho de quem está se preparando para receber seu ente mais amado, no caso dela o comando divino. Para nós, a manifestação divina se fazia notar no sabor das iguarias que ela preparava: *guefilte fish* (bolinhos de peixe), sopa de galinha com *elzele* (pele do peçoço do frango recheada), *kreplach* (espécie de ravióli colocado na sopa) e muitas outras comidas que ainda me trazem água à boca.

Meu pai liderava o *seder** de *Pessach* à sua maneira: irreverente, mas sem ofender ninguém. Fazia piadas sobre a *Hagadá**, duvidava que algumas coisas pudessem ter acontecido como escrito, contava como certa vez seu pai o expulsou de casa por jogar pão¹⁸¹ na mesa de *Pessach* e pulava trechos da história que ele considerava irrelevantes. Durante o *Yom Kippur*, ele exigia que houvesse comida para ele, pois Deus não merecia que ele passasse fome.

Como se as discrepâncias em casa não fossem suficientes, o universo se encarregou de colocar mais algumas opções para bagunçar minha pobre cabecinha. É óbvio que, vivendo no Brasil, seria impossível não ser exposto ao mundo não judeu. Meu grupo de amigos incluía várias crianças católicas e de outras religiões com as quais, mesmo na infância, tinha discussões sobre nossas religiões. Os mundos que modelariam a minha personalidade começaram a se montar: a vida judaica em casa e na escola e a vida secular fora desses ambientes. Naquela época, sentia ser necessário manter esses mundos separados, algumas vezes me sentindo culpado por me regozijar em algo notadamente *goy*¹⁸², como comer um ovo de Páscoa ou apreciar uma árvore de Natal.

Essa ambivalência espiritual criou conflitos com os quais me debati a vida inteira, mesmo com alguns períodos de trégua interna, quando pensava ter encontrado um caminho satisfatório para mim. O primeiro desses períodos foi quando tinha uns 12 anos. Eu começara a me preparar religiosamente para o meu *Bar-Mitzvá**, aprendendo a recitar o trecho adequado da *Torá*¹⁶⁶, assim como outros textos pertinentes à cerimônia. Via no meu professor uma inspiração de religiosidade que não sentira com mais ninguém antes disso. Dediquei-me às aulas e comecei a frequentar um movimento juvenil ortodoxo, chamado *Bnei Akiva*. De repente me vi usando minha *kípa** quase todos os dias, frequentando a sinagoga todas as sextas-feiras, sentindo-me frustrado por não poder acompanhar a leitura da liturgia em hebraico – que soava mais como uma competição de leitura rápida do que como orações – e, como consequência, não saber em que parte do texto a congregação se encontrava. Vez ou outra, algum colega meu se dava conta do meu apuro e me indicava a página que estava sendo lida naquele momento. No entanto, não havia nenhuma explicação sobre o que aquelas palavras significavam. Parecia-me que o judaísmo de minha mãe mostrava-se bastante difundido; mais gente praticando a religião sem entendê-la.

¹⁸¹ Durante o *Pessach* está proibido ter em casa produtos alimentícios que fermentem.

¹⁸² Não judeu, em *idisch*.

Esforçava-me, então, em seguir as leis onde eu podia, como evitando comer as delícias preparadas por minha mãe, posto que não eram *kasher*, recusando-me a usar qualquer meio de transporte ou manipular dinheiro durante o *Shabat**, e seguindo outros mandamentos mais razoáveis do que ler um livro de preces que eu não entendia. Com meu pai tentando descobrir onde havia errado na minha educação, e minha mãe pronta para chamar um rabino para *kasherizar* a casa, mantive essa postura quase ortodoxa por vários meses.

Minhas aulas de preparação para o *Bar-Mitzvá* se tornaram em sessões de memorização: ouvia os textos gravados pelo professor em um gravador e os repetia até que pudesse dizê-los sem erros, *ad nauseam*. Fiquei um pouco decepcionado com a falta de explicação de seu conteúdo, mas era o que todos os professores faziam. Conforme a data se aproximava, mais fervorosa era minha fé, e as aulas se tornavam mais frequentes. Algumas semanas antes da grande data, fiquei surpreso quando o professor me pediu para ter algumas aulas aos sábados. Como poderia operar o gravador, ainda mais na casa de alguém tão seguidor da religião? Minha surpresa tornou-se em decepção quando, ao fim da primeira aula num sábado, o professor pediu seu pagamento. Quando eu lhe disse que não carregava dinheiro no *Shabat*, ele insistiu que eu trouxesse o dinheiro na segunda-feira. Aquela hipocrisia foi um golpe fatal na crença de um menino de 12 anos. Depois do *Bar-Mitzvá*, afastei-me de qualquer coisa relacionada à religião.

“Nisht aher und nisht ahin”¹⁸³

Fui uma criança bem introvertida. Depois da decepção sofrida com meu professor, resolvi investir ainda menos em expansão social. Eu tinha alguns amigos e eles me eram o bastante. Nós fazíamos tudo o que a maioria dos meninos adolescentes faz, obedecendo a um certo nível de cumplicidade que, se ignorado, poderia causar problemas para todos. Eu gostava desse sentimento de confiança, mesmo que as lealdades dentro do nosso pequeno universo fossem cada dia diferentes. Eu sabia que se hoje fosse o meu dia de ser o bode expiatório, amanhã seria o de um outro membro do grupo. Nada pessoal.

Nossos novos interesses ofuscaram qualquer preocupação com religião. Estávamos mais interessados em fumar escondidos do que em sermos perdoados em *Yom Kippur*; pelo contrário, nos rebelávamos contra a religião e nos orgulhávamos de quebrar as regras. Além disso, as mudanças em nossos corpos nos fascinavam, assim como nossa crescente atenção em relação às meninas. Era justamente o que me faltava: ter que lidar com mais um assunto do qual eu não entendia nada!

Com minha timidez reconhecidamente na chefia, segui socialmente o mesmo princípio que seguia na sinagoga: tentar acompanhar a congregação mesmo que não soubesse em que página estávamos. Sobrevivi à primeira metade da minha adolescência sentindo-me isolado dos meus pares, com autoconfiança próxima a nula e sem algo ex-

¹⁸³ *Idisch*. Nem lá nem cá. Designa descomprometimento ou indecisão.

que acreditar. Vivia num vácuo espiritual e social. Meus melhores amigos eram os filhos do zelador do prédio em que morava e um sapateiro, em cuja oficina passei várias tardes fazendo artesanato em couro e ouvindo a história de sua vida e seus dias de pugilista. Estava a ponto de me considerar uma causa perdida quando o universo resolveu intervir. A diretoria do colégio resolveu implantar um grupo teatral formado pelos alunos.

Meus amigos resolveram se juntar ao grupo. Entendi que isso seria o fim da minha vida social e, invocando toda a minha coragem, resolvi unir-me a eles. Não para atuar, é lógico – congelaria se tivesse que subir no palco. Ofereci-me para operar as luzes. Isso me manteria dentro do grupo e eu não precisaria interagir com muita gente. Durante as aulas de atuação, meus serviços de iluminador não eram requeridos. Sendo assim, eu participava das aulas. Aparentemente aprendi bem o que nos foi ensinado. Quando a escolha para os atores foi feita, fiquei surpreso e feliz de descobrir que eu estava entre eles. Sem que eu desconfiasse, esse foi o segundo começo da minha vida. Eu tinha 15 anos.

Autodescobrimento

A primeira peça apresentada por nosso grupo foi uma adaptação de contos de Shalom Aleichem, famoso escritor da literatura judaica, sobre a vida dos judeus no *shtetl**. Meus sentimentos judaicos, adormecidos pelos últimos dois anos, estavam prestes a serem acordados novamente, deixando sua marca assim, como o *brit-milá*, quando completei 8 dias.

Nosso diretor, Eloy de Araújo, nos tratava como atores profissionais, e esperava que agíssemos como tal. Passamos por um curso intensivo de teatro, incluindo dicção, projeção de voz e, principalmente, concentração nos personagens. Para esse fim, investi inúmeras horas observando pessoas nas mais diversas situações, internalizando seus sentimentos e expressões para poder utilizá-los quando necessário. Essa sensibilização por observação me ensinou a gostar de gente, permitindo que eu expandisse meus horizontes sociais e interagisse mais abertamente com o meu universo. Ao estudar as pessoas, aprendi a conhecer a mim mesmo.

Em um dos exercícios de concentração, realizado em uma chácara no interior de São Paulo, o Eloy nos instrui a imaginar que estávamos em um *shtetl* na Rússia, e cada um de nós deveria assumir a identidade de seu personagem. Naquela noite, sob o céu estrelado do interior, consegui viajar meio mundo e sentir que estava em uma aldeia na Rússia, cercado por judeus como eu, pobres, mas alegres, fazendo piada das desgraças que caíam sobre nós, preocupados em fazer de nosso mundo um lugar melhor. Foi quando descobri que, não importa onde eu estivesse na Terra, teria sempre uma característica inegável: seria um judeu.

Mas que diabos isso queria dizer? Continuava não sentindo nenhuma ligação ou atração pela religião. Algumas tradições pareciam obsoletas e outras não faziam sentido. A visão de judeus ortodoxos, que abundavam no Bom Retiro, me era repulsiva. Como eu poderia me considerar um judeu?

Não precisei esperar muito por uma resposta. Em junho de 1967, eclodiu a terceira guerra entre Israel e os países árabes. Por seis dias seguimos, em aula ou fora dela, os eventos no Oriente Médio pelo rádio. Sentíamos que os exércitos do Egito, da Jordânia e da Síria atacaram não só o Estado de Israel, mas todos os judeus do mundo, unidos em uma única identidade. Com minha recém-descoberta coragem, me apresentei como voluntário na Agência Judaica, pronto para ser enviado a Israel e fazer o que fosse preciso. Dada a minha idade, fui recusado. Quando foi anunciada a vitória do exército israelense sobre as tropas árabes, com o dobro de soldados, e que Jerusalém havia sido reunificada, o sentimento de orgulho e a sensação de pertencer ao povo judaico eram refletidas em todos os rostos. Em seguida, ao ver as fotos dos soldados israelenses rezando e chorando em frente ao Muro das Lamentações, comecei a sentir, sem entender, como eu era judeu.

Começa a longa jornada

Munido com as descobertas feitas no grupo de teatro e os sentimentos judeu-sionistas adquiridos durante e depois da guerra, cheguei à conclusão de que deveria ser mais ativo. Na verdade, estava convencido que queria seguir carreira militar em Israel, baseado puramente na visão romântica do soldado heroico, que havia se formado em minha mente. Enquanto isso não fosse possível, iria frequentar um movimento juvenil sionista que me preparasse para atingir meu objetivo. Escolhi o *Irgun Maguen Yehuda*, conhecido na época como IMY, que, conforme me foi apresentado, era o mais militante dentre os movimentos mais populares. Só compareci a duas ou três reuniões do IMY. Minha desinibição ainda não estava bem desenvolvida, eu não conhecia ninguém no grupo e o acolhimento pelos membros, tanto da minha idade como os mais velhos, deixava muito a desejar. Senti-me perdido nas reuniões, sem encontrar algo que atraísse minha atenção. Pareceu-me que o foco das atividades era apenas intelectual e político, o que não despertou grande interesse em mim.

Alguns meses após minha experiência com o IMY, fui convidado a participar de um *ḵabalat shabat** no *Ichud Habonim*, um movimento juvenil sionista com uma visão mais de centro-esquerda. Ao chegar na casa, deparei-me com um grupo animado de jovens, vários usando uma espécie de uniforme – blusa azul cobalto fechada até a metade do peito, a partir de onde havia uma abertura controlada por um cordão vermelho. Em suas conversas usavam muitas palavras em hebraico que me eram estranhas, mas algumas eu conseguia reconhecer graças aos anos de sofrimento em aulas de hebraico na escola. O que mais me chamou a atenção foi a interação social. Por toda parte havia grupos de pessoas engajadas em algum tipo de atividade: jogos de pingue-pongue e xadrez, conversas sobre diversos assuntos ou alguém tocando um violão, cercado de pessoas cantando, outras só ouvindo. Assim como as cordas do violão, a atmosfera vibrava numa harmonia quase tangível.

Os orientadores ou guias do grupo, chamados de *madrichim*, jovens pouco mais velhos que os participantes, convocaram todos para a sala principal, onde dariam

início às atividades programadas para a noite. A primeira foi cumprir o ritual de *shabat* – bênção sobre o acendimento das velas, sobre o vinho e sobre o pão – seguido de canto em grupo de músicas tradicionais em hebraico, evidenciando uma ligação às tradições judaicas, sem muito apego à religião (o judaísmo de meu pai). Após o ritual, um dos *madrichim* apresentou algum tema político para discussão, que estava bem acima do meu conhecimento. A combinação do ambiente mais descontraído e festivo, do esforço dos jovens mais veteranos em incluir os mais novos nas atividades, e o empenho dos mais antigos em acolher os recém-chegados se sobrepôs à minha inibição e me deixou com muita vontade de voltar àquele mundo mágico.

E eu realmente voltei. A princípio frequentava o *Ichud* todas as sextas-feiras, somente como ouvinte. Conforme minha autoconfiança crescia e me sentia mais aceito por meus pares, tornei-me mais envolvido e mais ativo no movimento. No auge da minha participação, dedicava mais tempo ao *Ichud* do que a todas as minhas outras atividades combinadas. Os membros (*chaverim*) tornaram-se minha família, e o prédio que nos abrigava, meu lar. Foi no *Ichud* que criei o homem que sou hoje.

Passar a adolescência no *Ichud* proporcionou o significado literal a essa época da vida, e de forma intensiva. O desenvolvimento pessoal acontecia aceleradamente e as informações tinham que ser processadas de forma rápida e eficiente. Em pouco tempo comecei a perceber um distanciamento dos meus amigos da escola que, de repente, me pareciam estar em outro nível existencial, preocupados com assuntos mais mundanos, comuns aos adolescentes em geral. Enquanto nós discutíamos doutrinas políticas e injustiças sociais, eles conversavam sobre suas roupas e que faculdade queriam cursar. Não me dei conta, até bem mais tarde, de que eles eram os normais, e nós a exceção.

Entre os membros mais velhos – com mais de 15 anos –, cada um era responsável por algum aspecto do andamento do *Movimento*, contribuindo para seu objetivo: educar jovens-judeus sionistas para serem líderes na comunidade e, eventualmente, emigrar para Israel. Para este fim, tínhamos um nível de liberdade e autonomia, ambas autoatribuídas, que nos forçava a amadurecer mais rapidamente, como uma fruta em uma estufa. Aos 17 anos, fui encarregado de programar, montar e administrar um acampamento com mais de cem crianças, entre 12 e 15 anos de idade. Aceitávamos estes desafios como um rito de passagem da adolescência para o mundo adulto, uma emancipação, um *Bar-Mitzvá* de fato.

No *Ichud* ficou claro para mim que a existência de grupos de interesses especiais é inevitável; que alianças podem ser feitas e desfeitas sem se perder a amizade; que se pode forjar amizades que duram uma vida inteira. Foi lá que aprendi a apreciar as diferenças entre as pessoas como uma riqueza, a aceitar cada um como é, a repartir o que se tem quando se tem, e a aceitar quando não se tem. Recebi a formação complementar que me definiu como ser humano. Com meus pais aprendi os valores que regem minha vida, no *Ichud* aprendi a utilizá-los. Encontrei uma resposta ao meu conflito judaico: comecei a ser judeu por pertencer, me sentir conectado a um povo

e uma cultura milenares, praticando elementos tradicionais e rituais da religião que, para mim, nada tinham a ver com espiritualidade. Continuava frequentando centros de Umbanda sem sentir nenhuma culpa. O judaísmo de meu pai e de minha mãe estavam conciliados.

Atingindo a maioria

A culminação do meu período no movimento juvenil foi quando chegou a vez da minha *kvutzá* (grupo) fazer o *shnat hachshará* (passar um ano em Israel), onde experimentaríamos diversos aspectos da vida no Estado judeu, com o intuito de nos preparar para a posterior *aliá* (emigração). Para quase todos nós (23 jovens vindos de vários estados brasileiros) era a primeira vez que saíamos do País, e para todos, a primeira vez que ficaríamos longe de nossos pais e grupos de apoio por tanto tempo. Ainda não existia *e-mail*, *instant messenger* ou telefones celulares. As únicas formas de comunicação eram por correio regular, telefone fixo (era um processo caro e demorado: pedia-se a ligação à telefonista e esperava-se um bom tempo até que ela ligasse de volta com a conexão feita), ou através de alguém que fosse visitar um parente ou conhecer a Terra Santa. Portanto, estaríamos completamente “isolados”.

Nossa primeira parada em Israel foi no *kibutz* Haon, às margens do lago Tiberíades, que serviria como nossa base, diferentemente dos grupos anteriores que foram baseados em Bror Chail, um *kibutz* habitado predominantemente por brasileiros. Logo que chegamos fui nomeado *sadran-avodá*, organizador de trabalho da nossa *kvutzá* do *Ichud*, ou seja, era encarregado de me reunir com o responsável pelo trabalho no *kibutz* para decidir as funções que cada um do meu grupo exerceria no dia seguinte. Confesso que fiquei contente e aterrorizado com a responsabilidade. Utilizei todos os meus recursos de negociador, algumas vezes sem sucesso, para manter a paz no grupo. Às vezes me perguntava: por que fui escolhido? Será que posso arcar com tal responsabilidade? E se eu falhasse? O responsável pelo trabalho no *kibutz*, Adler – um homem de proporções enormes, com a face coberta por uma barba cerrada marrom, com cara de mau, mas olhos extremamente bondosos –, me encorajava e dizia que todos têm essas dúvidas, e que eu deveria apenas fazer o melhor possível. Mais tarde, quando comecei a trabalhar como engenheiro, as mesmas perguntas voltaram à minha mente. A fisionomia de Adler se manifestava em minha mente e eu aplacava minhas inseguranças com suas palavras de apoio.

Se o intuito de nossa ida a Israel era para que conhecêssemos a vida lá, tivemos sucesso completo. Fomos colocados em situações que nos permitiram apreciar aspectos distintos da vida do país, passando temporadas na Universidade de Jerusalém; em aldeias agrícolas no Sinai, onde a explosão de uma mina terrestre, minutos depois de eu ter passado pelo local, me ensinou sobre a precariedade da segurança de Israel; viajando pelo país inteiro; conhecendo aldeias árabes em Israel e nos territórios ocupados e “servindo” no exército israelense por duas semanas. Passamos uma temporada em Bror Chail, posto que a ideia vigente na época era que brasileiros do *Ichud*

fariam *aliá* para aquele *kibutz*. A vida em Israel, em particular no *kibutz*, se mostrou ideal para mim: fazia trabalho físico em contato com a natureza, tinha todas as minhas necessidades resolvidas, fartas refeições, entretenimento, amigos, contato com visitantes de todo o mundo, viagens e desafios intelectuais e existenciais constantes.

Usei as vivências que tive durante aquele ano para solidificar alguns conceitos e reavaliar outros. Ratifiquei minha identidade com o povo e a cultura judaicas, tornei-me pacifista, confirmei que religião não era indicação de espiritualidade e decidi que o *kibutz* oferecia o melhor estilo de vida para mim. Sendo assim, quando voltei ao Brasil me dediquei ao *Ichud*, ao teatro e a dar aulas de hebraico, me preparando para minha *aliá*, meu retorno definitivo a Israel. Isso aconteceu 18 meses mais tarde. Durante aquele período, havia discussões sobre a mudança do *kibutz* para a *aliá* do nosso Movimento. Alguns dos que haviam completado o *shnat-hachshará* com base em Bror Chail, um *kibutz* estabelecido e maduro, insistiam que aquele *kibutz* deveria permanecer como recipiente de nossos membros. Outros, como eu, defendiam a ideia de iniciar um outro foco de brasileiros em Haon, um *kibutz* pequeno, com grande potencial para desenvolvimento e crescimento. Minha *aliá* ocorreu antes de se chegar a um acordo.

Voltei para Haon em agosto de 1973, cheio de sonhos, planos e esperanças. Devotei-me à minha adaptação ao *kibutz* e total assimilação ao estilo de vida. Fui designado a trabalhar na plantação de bananas, que era onde queria trabalhar, e fui acomodado em uma casa, em vez do alojamento que ocupávamos em 1971. Minha vida estava boa. Recebi um companheiro de casa temporário. Um rapaz argentino recém-recrutado ao exército israelense e extremamente deprimido por isso. Seu desespero para sair do exército era tal que ele estava disposto a se dar um tiro no pé, provando que era mentalmente incapaz de prestar o serviço militar. Eu compreendia sua angústia, dada a minha filosofia pacifista, e tentava consolá-lo dizendo que logo o serviço terminaria e ele poderia seguir sua vida como bem entendesse. Eu não devia ter dito nada.

Medo

Em uma bela tarde no começo de outubro de 1973, eu estava sentado na varanda de minha casa, escrevendo uma carta para meus pais, quando meu vizinho, um rapaz extremamente militante, saiu correndo de sua casa, exaltado, gritando “*Yesh milchamá!*”, Estamos em guerra! Corremos para dentro de casa para ouvir o noticiário. Aproveitando-se da solenidade do *Yom Kippur*, os exércitos egípcio e sírio atacaram Israel de surpresa, infligindo um sério golpe na moral israelense. O maior medo de meu companheiro de casa, e de muitos outros habitantes de Israel, havia se materializado. Os gritos do meu vizinho continuavam a ecoar na minha cabeça: estávamos em guerra. Repentinamente, a vida no *kibutz* mudou. Todos os homens habilitados foram chamados de volta para o serviço militar. Os que ficaram eram muito velhos, muito jovens ou, como eu, não tinham o treinamento necessário. Nossa missão era manter a vida no *kibutz* o mais normalmente possível, cuidando de todas as plantações, criações e da propriedade.

Passei o período da guerra com medo. Trabalhava sozinho na plantação de bananas, localizada aos pés das montanhas do Golan, ameaçadas pelo exército sírio. Dormíamos em abrigos subterrâneos, caso houvesse algum ataque noturno. Acima de tudo, tinha medo de ter que tomar o que seria a decisão mais difícil da minha vida: em caso de ataque inimigo, eu teria coragem de pegar a arma que me havia sido designada e atirar em alguém? Essa possibilidade me corroía a alma. Felizmente não precisei fazer a escolha. A guerra terminou, mas minha visão da vida em Israel ficou abalada. Eu não poderia viver com a ameaça de ter que matar alguém, sabendo muito bem que o faria, se necessário. Em janeiro de 1974 saí de Israel e fui buscar meu destino em outras partes do mundo. Esse foi o fim da minha inclinação sionista, mas não de minha identificação como judeu ou parcialidade a Israel.